

(aprendendo)

## Direitos Humanos com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 38, outubro 2018, Trabalhadores Anônimos]

*“É melhor morrer na luta de que morrer de fome”*

por **Margarida Maria Alves**

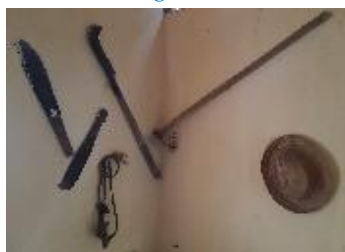
[Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da região de Alagoa Grande/PB]

Margarida Maria Alves é uma mulher de fibra, sertaneja paraibana, que dedicou sua vida aos direitos dos trabalhadores. Nascida em Alagoa Grande, no sertão paraibano, em 5 de agosto de 1933, foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de sua região. Tendo sido uma das primeiras dirigentes sindicais do país, esteve 12 anos à frente do Sindicato. Durante o período autoritário da ditadura militar, quando muitos sindicatos estavam ou calados à força ou ocupados por pelegos colocados pela ditadura, Margarida não se calou. Durante sua gestão, foram ajuizadas mais de 600 ações trabalhistas em defesa dos direitos dos trabalhadores rurais. Margarida foi também responsável pela criação de delegacias sindicais em engenhos e usinas da região. Sua luta centrava-se, principalmente, na assinatura da carteira de trabalho e pelos direitos das pessoas que trabalhavam nos canaviais em condições análogas à escravidão. Sua atuação combativa contrariou os interesses dos coronéis e latifundiários do sertão, dentre os quais Agnaldo Velloso Borges e seu genro José Buarque de Gusmão Neto, conhecido como Zito Buarque, que foram mandantes do seu brutal assassinato no dia 12 de agosto de 1983, também em Alagoa Grande. Na tarde do triste dia estava na janela de sua humilde casa, quando um



jagunço, pistoleiro de aluguel, de nome Betâneo Carneiro dos Santos, desfechou-lhe um tiro no rosto com uma carabina calibre 12. Seu marido, sua mãe, irmãs e seu filho que, na época, tinha 8 anos, estavam em casa na hora do assassinato. O dia de sua morte ficou consagrado como o Dia Nacional de Luta contra a Violência no Campo e pela Reforma Agrária e sua luta inspirou a Marcha das Margaridas que, todos os anos, reúnem dezenas de mulheres de todo o Brasil, em defesa da Reforma Agrária e direitos humanos. Margarida recebeu, em 1988, cinco anos após sua morte, o Prêmio Pax Christi Internacional. Anualmente, na semana que antecede o dia 12 de agosto, a população de Alagoa Grande cultua a memória de Margarida. Em 2012, surge o Coletivo Margarida Alves, cujo espírito de luta organiza um polo gerador de referência na atuação judicial articulada com o empoderamento da luta social. O grupo assessorou grupos sociais vulneráveis, tendo como horizonte a garantia dos direitos humanos, a transformação social e a construção de uma sociedade justa, fraterna e igualitária.

Instrumentos de trabalho  
de Margarida Alves



Casa (Museu) de Margarida Alves em Alagoa Grande/PB.

Sala de entrada, corredor à esquerda com fotos de jornais com suas lutas e as marchas das Margaridas. À direita, cômodo com seus objetos pessoais e de trabalho.

Canto inferior esquerdo: Fachada da casa indicando local do assassinato.



Instrumentos de luta  
de Margarida Alves



Fotos: Rosangela Gaze, 28/10/2019

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.